

NO BALANÇAR DAS REDES: REGISTRO DO COTIDIANO DA PESCA NA AMAZÔNIA ATLÂNTICA

Thuareag Monteiro Trindade dos Santos^{1,2}  

Universidade Federal do Pará | Belém -PA - Brasil

submissão: 24/02/2024 | aprovação: 28/07/2025

¹Grupo de Estudos de Nematoda Aquáticos (GENAQ), Laboratório de Pesquisa em Monitoramento Ambiental Marinho (LAPMAR), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil.

²Laboratório de Invertebrados Aquáticos (LIA), Coordenação de Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, Pará, Brasil.

Este ensaio resulta das diversas viagens para coleta de material em campo pelo autor ao longo dos anos pela região costeira amazônica. As imagens apresentadas foram capturadas durante o trabalho de campo e ilustram o cotidiano de homens e mulheres que vivem da pesca artesanal em diferentes localidades na região analisada. O pescador artesanal é retratado aqui mostrando as peculiaridades e a beleza de sua rotina de trabalho desafiadora e cansativa. Portanto, os conhecimentos desses profissionais se misturam com a paisagem e o trabalho, deixando as marcas que humanizam a nossa pesquisa, nos ensinando sobre o seu cotidiano e sobre o ambiente.

A costa norte Amazônica, também conhecida como Amazônia Atlântica, abrange os estados do Amapá, Pará e Maranhão. Essa região representa 35% de toda a região costeira brasileira (Klein & Short 2016) e é composta por uma alta diversidade de ambientes (ex: praias, manguezais e estuários), os quais diversas comunidades tradicionais habitam. Essas comunidades utilizam e dependem diretamente de seus recursos, principalmente a pesca, como sua principal fonte de alimento e/ou renda (Fernandes et al. 2018). A pesca está entre as atividades mais praticadas em toda a região amazônica e sua produção é voltada tanto para o autoconsumo quanto para a venda

(Barros 2012), e sua realização depende do profundo conhecimento/habilidade dos pescadores.

Mas a vida de pescador não é fácil, deixam suas famílias por dias ou até meses, atrás de uma boa pescaria. Saindo na melhor maré, agraciado com a luz brilhante do sol nascente, entregam seu destino à senhora das águas e lançam sua rede. Por vezes, a rede vem vazia, mas, diante da uma pesca minguada, os pescadores buscam esperança no céu repleto de estrelas e lançam novamente a sua rede. E quando a rede vem cheia, fatura! Hora de voltar para casa. Deslizando sobre as ondas e no ritmo da maré, dão graças à Nossa Senhora pelo retorno seguro ao lar. À noite, descansam ao som das ondas e se preparam para mais um dia de pescaria.

Os registros fotográficos feitos por mim, Thuareag dos Santos, nos últimos dez anos, são flagrantes do cotidiano de homens e mulheres que vivem da pesca artesanal em diferentes localidades ao longo da região costeira Amazônica. As fotografias foram tiradas nos seguintes locais (Figura 1): Arquipélago do Bailique (Amapá); Salvaterra (Pará); Ilha de Maiandeuá (Maracanã - Pará); Salinópolis (Pará); Primavera (Pará); Bragança (Pará); Ilha de Apeú-Salvador (Viseu - Pará); Santa Bárbara (Maranhão).

São retratos que flagram as peculiaridades e a beleza de uma rotina de trabalho desafiadora

e cansativa. Paisagem, trabalho e pessoas se misturam deixando as marcas que humanizam a nossa pesquisa, nos ensinando sobre o seu cotidiano e sobre o ambiente. E essas pessoas cheias de sabedoria, mestres e doutores formados pelas experiências do dia a dia, merecem ser prestigiadas e visibilizadas.

Todo pescador é capitão de seu barco e navega pelas ondas atrás de seu destino. Aprende a pescar desde novo para seu bem-estar. Nem toda história de pescador é um exagero. Basta ver com outros olhos, e aprender a pescá-las através de suas palavras. A esses trabalhadores das águas, nosso imenso respeito e a mais sincera gratidão e admiração.

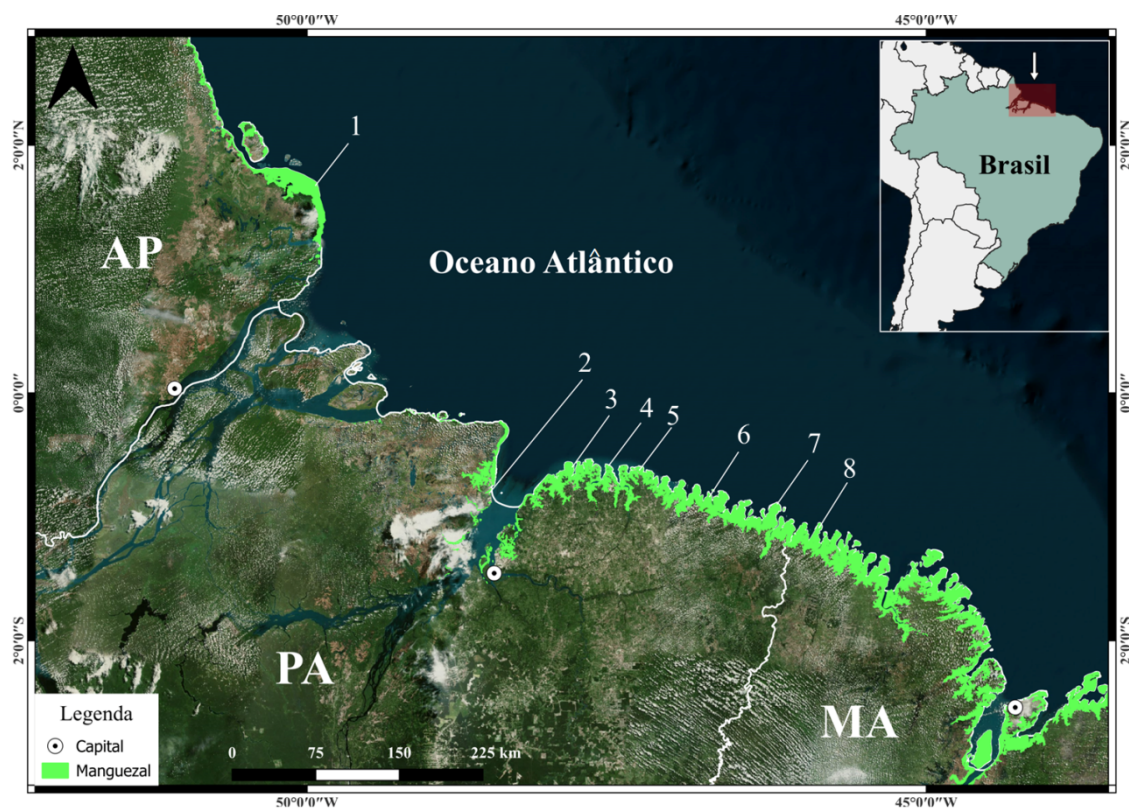


Figura 1 – Mapa mostrando a extensão da Amazônia Atlântica e os locais onde as fotografias foram tiradas. 1 – Arquipélago do Bailique; 2 – Salvaterra (Ilha do Marajó – Pará); 3 – Ilha de Maiandeuá (Maracanã – Pará); 4 – Salinópolis (Pará); 5 – Primavera (Pará); 6 – Bragança (Pará); 7 – Ilha de Apeú-Salvador (Viseu – Pará); 8 – Santa Bárbara (Maranhão). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2025).



Figura 2 – Preparando a rede – Arquipélago do Bailique (Amapá). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2023).



Figura 3 – Preparando a rede – Salvaterra (Ilha do Marajó - Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2019).



Figura 4 – Puxando a rede – Salvaterra (Ilha do Marajó - Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2015).



Figura 5 – Fartura na pesca – Salvaterra (Ilha do Marajó - Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2023).



Figura 6 – Despesca – Ilha de Maiandeuá (Maracanã - Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2022).



Figura 7 – Preparando a rede – Salinópolis (Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2015).



Figura 8 – Maré baixa – Bragança (Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2023).



Figura 9 – Preparando a rede – Ilha de Apeú-Salvador (Viseu - Pará). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2014).



Figura 10 – Aprendendo os caminhos desde cedo – Santa Bárbara (Maranhão). Imagem: Thuareag M. T. dos Santos (2014).

REFERÊNCIAS

Barros, Flávio Bezerra. 2012. Etnoecologia da pesca na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio – Terra do Meio, Amazônia, Brasil. *Amazônica Revista de Antropologia*. 4(2): 286-312. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v4i2.958>

Fernandes, Marcus; Oliveira, Francisco Pereira e Eyzaguirre, Indira. 2018. Mangroves on the Brazilian Amazon coast: uses and rehabilitation, in. *Threats to Mangrove Forests*. Editado por Makowski, Christopher e Finkl, Charles, v. 25, pp. 621-635. Springer, Cham: Coastal Research Library. https://doi.org/10.1007/978-3-319-73016-5_29

Klein, Antonio Henrique da e Short, Andrew. 2016. Brazilian beach systems: introduction, in *Brazilian Beach Systems*. Editado por Short, Antonio Henrique da e Klein, Andrew, pp. 1-35. Springer, Cham: Springer Coastal Research Library. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-30394-9>